

# Conflito trabalho-família: um estudo com pais e filhos adultos

Cláudia Andrade\*

## Resumo

*Introdução:* o conflito entre o trabalho e a família tem sido estudado em diferentes contextos. Os estudos para o contexto português identificam a existência desse conflito e denotam que este é sentido com maior frequência pelas mulheres. *Objetivo:* este estudo tem como objetivo contribuir para a compreensão dessa realidade, junto de famílias portuguesas com um filho adulto. Pretende-se perceber em que medida fatores associados à geração, comparando pais e filhos, bem como fatores de género podem fazer variar a percepção de conflito de papéis. *Método:* o estudo foi efetuado junto de 48 tríades familiares, pai, mãe e filho adulto. *Resultados:* os resultados indicam que as diferenças entre gerações não são evidentes uma vez que mães e filhos apresentam percepções mais elevadas de conflito trabalho-família-trabalho, e distinguem-se apenas com relação aos pais. Igualmente, quanto ao conflito família-trabalho, os três grupos (mães e filhos) apresentam também valores mais elevados nessa dimensão do conflito e diferenciam-se apenas dos pais. *Conclusão:* os resultados, embora não corroborem as hipóteses relativas a possíveis diferenças de geração e género, evidenciam a importância dessas dimensões na análise do conflito trabalho-família e contribuem, assim, para a melhor compreensão do conflito trabalho-família no contexto português.

**Palavras-chave:** conflito trabalho-família, filhos, género, pais.

\* Doctora en Psicología. Profesora, Escola Superior de Educação de Coimbra, Politécnico de Coimbra, Portugal.

Correio electrónico:  
mcandrade@esec.pt

Recibido: 15 de enero del 2016

Aprobado: 14 de julio del 2016

Cómo citar este artículo: Andrade, C. (2016). Conflito trabalho-família: um estudo com pais e filhos adultos. *Pensando Psicologia*, 12(20), 77-83. doi: <http://dx.doi.org/10.16925/pe.v12i20.1565>

## Conflicto trabajo-familia: un estudio con padres e hijos adultos

### Resumen

*Introducción:* el conflicto entre trabajo y familia se ha estudiado en diferentes contextos. Los estudios para el contexto portugués identifican su existencia y denotan que es sentido con mayor frecuencia por las mujeres. *Objetivo:* el objetivo del estudio es aportar a la comprensión de esta realidad, junto a familias portuguesas con un hijo adulto. Se busca percibir en qué medida factores asociados a la generación —comparando padres e hijos— y factores de género pueden hacer variar la percepción de conflicto de roles. *Método:* el estudio se realizó con 48 triadas familiares: padre, madre e hijo adulto. *Resultados:* estos señalan que las diferencias entre generaciones no son evidentes, ya que madres e hijos presentan percepciones más elevadas de conflicto trabajo-familia-trabajo y se distinguen solo en relación con los padres. Igualmente, en cuanto al conflicto familia-trabajo, los tres grupos (madres e hijos) presentan también valores más elevados en esta dimensión del conflicto y solo se diferencian de los padres. *Conclusiones:* los resultados, si bien no corroboran las hipótesis relativas a posibles diferencias de generación y género, evidencian la importancia de estas dimensiones en el análisis del conflicto trabajo-familia y aportan a la comprensión del conflicto trabajo-familia en el contexto portugués.

**Palabras claves:** conflicto trabajo-familia, hijos, género, padres.

## Work-Family Conflict: A Study with Parents and Adult Children

### Abstract

*Introduction:* The conflict between work and family has been studied in different contexts. The studies for the Portuguese context identify its existence and demonstrate that it is more frequently felt by women. *Objective:* The aim of the study is to contribute to the understanding of this reality, together with Portuguese families with an adult child. It seeks to perceive to what extent factors associated with generation —comparing parents and children— and gender can change the perception of a conflict of roles. *Method:* The study was conducted with 48 family triads: father, mother, and adult child. *Results:* These indicate that the differences between generations are not evident since mothers and children have higher perceptions of work-family conflict, and they differ only in relation to fathers. Similarly, in terms of work-family conflict, the three groups (mothers and children) also have higher values in this dimension of the conflict and only differ from fathers. *Conclusions:* While the results do not support the hypotheses concerning possible generation and gender differences, they prove the importance of these dimensions in the analysis of work-family conflict and contribute to the understanding of work-family conflict in the Portuguese context.

**Keywords:** work-family conflict, children, gender, parents.

## Introdução

O interesse pelo modo como se conciliam papéis profissionais e familiares surge como consequência das transformações no mercado de trabalho que vieram ampliar a tipologia de profissões que podem ser desempenhadas por homens e por mulheres. Isso trouxe também novas exigências para o exercício da atividade profissional que se prendem, entre outros, com níveis da formação acadêmica mais elevados, horários de trabalho alargados, necessidades de deslocação para exercer a atividade profissional, para mencionar apenas algumas (Andrade, 2013; Milkie e Peltola, 1999; Voydanoff, 1999; Torres, 2004). O aumento de oportunidades de emprego, sobretudo para as mulheres, a par das crescentes exigências econômicas para a manutenção da família, levou a que a configuração de famílias de duplo emprego passasse a ser alvo da atenção dos cientistas sociais. Estes se preocupam, principalmente, com a análise das possíveis consequências da competição, especialmente para as mulheres, entre o exercício de uma atividade profissional e a organização da vida familiar, ao nível dos cuidados com o lar e mais concretamente na execução das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos (Andrade, 2013; Milkie e Peltola, 1999; Voydanoff, 1999; Torres, 2004). Os primeiros estudos sobre esse tema centram a sua atenção sobre os efeitos do conflito entre papéis profissionais e familiares, com especial incidência para o conflito de papéis sentido pelas mulheres. Identificada a problemática do conflito entre trabalho e vida familiar, inaugura-se uma vaga de estudos que se centram na identificação das bases socioculturais que orientam tanto a vida familiar como os contextos de trabalho e que tipificam as relações entre ambos (Andrade, 2013; Matias et al., 2012; Fontaine et al., 2004; Milkie e Peltola, 1999; Voydanoff, 1999).

Na análise dos fatores subjacentes à emergência de conflito entre papéis, destaca-se o modelo de Edwards e Rothbard (2000), que descreve a existência de três tipologias de conflito de papéis: o conflito baseado no tempo, que surge quando os sujeitos não dispõem do tempo que consideram suficiente para o cumprimento satisfatório das obrigações associadas a cada um dos papéis de vida; o conflito baseado na pressão associada ao exercício concomitante de papéis, que ocorre quando a insatisfação no exercício de um papel dificulta a resposta às exigências do outro papel; por último, o conflito comportamental, que acontece quando os comportamentos aprendidos e

mesmo reforçados no exercício de um dos papéis não são válidos para o desempenho de outros papéis, sendo mesmo disfuncionais, pois o indivíduo tem dificuldades em adaptar-se às novas exigências do outro papel. Além disso, quanto à direção das consequências do conflito de papéis, torna-se importante distinguir dois tipos. Quando o conflito ocorre ao nível do trabalho e se repercute na vida familiar, os autores identificam tanto consequências ao nível do indivíduo (em que se destacam o desenvolvimento de depressão, baixa autoestima, fraca saúde física e consumo de substâncias aditivas) como ao nível da dinâmica familiar (insatisfação geral com a família e com a relação conjugal, fraca participação nas atividades familiares, ausência em momentos importantes da vida familiar e dificuldades de interação com os filhos; Allen et al., 2000; Crouter et al., 1999). Quando o conflito se manifesta da família para o trabalho, destacam-se consequências como baixo desempenho profissional, insatisfação profissional, elevado absentismo e mudanças frequentes de atividade profissional, bem como problemas de saúde física e mental (Allen et al., 2000; Carlson et al., 2000; Carlson e Frone, 2003; Frone, 2000). Essas consequências são cumulativas quando o conflito é bidireccional, ou seja, trabalho-família e família-trabalho, ou quando o sujeito apresenta determinadas características de personalidade, como, por exemplo, introversão, elevado neuroticismo e baixa autoestima (Carlson e Frone, 2003; Frone, 2000).

Em síntese, pode constatar-se que os efeitos do conflito de papéis não só se manifestam ao nível do desempenho dos próprios papéis, como também podem ter consequências ao nível do bem-estar individual, no desempenho desses papéis. Além disso, evidenciam-se ao nível da vida da família, em geral, e dos filhos, em particular.

## Conflito Trabalho-Família no Contexto Português

Para o contexto nacional, diversos estudos destacam não apenas a existência de conflito entre papel profissional e familiar, mas também como este é sentido com maior frequência pelas mulheres (Fontaine et al., 2004; Matias et al., 2011, 2012). Por força das alterações sociais, reconfigurações orientadas para a promoção da igualdade ao nível das expectativas e dos comportamentos, o género é ainda visto como uma base legítima e ideologicamente aceitável para a distribuição do poder, responsabilidades e mesmo

direitos no âmbito dos papéis profissionais e familiares (Andrade, 2013; Matias et al., 2012). O género, desde sempre, diferenciou o exercício dos papéis profissionais e familiares por parte de homens e mulheres. No entanto, nos contextos de trabalho atuais, a mulher não só tende a exercer atividades em quase todos os setores, como também as exigências inerentes ao desempenho são idênticas para homens e mulheres (Andrade, 2013; Matias et al., 2012). Pode, assim, falar-se, na maioria dos casos, de igualdade em termos de exigências de disponibilidade para o papel profissional. Se a participação das mulheres no mercado de trabalho alterou os papéis de género nesse domínio, seria esperado que essa modificação se fizesse sentir também ao nível da vida familiar, nomeadamente na realização das tarefas domésticas e no cuidado com os filhos (Andrade, 2013; Matias et al., 2012). Porém, a literatura aponta para que a divisão das tarefas e das responsabilidades domésticas não se tenha modificado na mesma extensão (Andrade, 2013). A divisão assimétrica nas tarefas domésticas e nas responsabilidades familiares tem sido alvo de análise de vários estudos que identificam sentimentos de sobrecarga e baixas perceções de justiça na divisão do trabalho que afetam sobretudo as mulheres (Andrade e Mikula, 2014; Matias et al., 2011). Nessa linha, destaca-se um conjunto de estudos acerca dos sentimentos de sobrecarga das mulheres, quando acumulam o papel parental com o papel profissional, assim como estudos que dão conta de uma relação negativa entre a necessidade de investimento no trabalho e o envolvimento no papel parental, por parte das mulheres (Andrade, 2013; Matias et al., 2011, 2012; Torres, 2004). Outros autores, porém, destacam a importância de variáveis de natureza social que contribuem para a diminuição do conflito trabalho-família nas mulheres como, por exemplo, a existência de redes e de estruturas sociais de apoio à família (Andrade, 2013; Matias et al., 2011; Torres, 2004).

O presente estudo enquadra-se na linha dos estudos anteriormente apresentados e pretende avaliar em que medida o conflito entre o trabalho e a família é percecionado por amostras portuguesas em duas gerações, de pais e filhos adultos, considerando possíveis diferenças de género. A opção pelo recurso a esses dois grupos com diferenças geracionais e de experiência pessoal de conflito considerou a chamada especificidade portuguesa que se caracteriza por uma das mais altas taxas de atividade profissional a tempo inteiro das mães com filhos pequenos e

pela acumulação por parte destas, quase em exclusividade, do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças (Torres, 2004). Assim, se a temática do conflito entre papéis profissionais e familiares tem sido bastante visível nas mulheres, no caso dos homens, alguns estudos evidenciam que o conflito de papéis nos jovens pais tende a surgir devido aos constrangimentos profissionais e mesmo culturais que fazem com que esse tema seja visto como da responsabilidade feminina. Isso colide com uma perspetiva social que aponta para a importância do envolvimento masculino nas tarefas domésticas e de cuidado com os filhos (Andrade, 2013; Matias et al., 2012). Se, por um lado, na geração anterior, a resolução de potenciais conflitos de papéis parecia ser uma preocupação quase que exclusivamente feminina, também a existência de carreiras profissionais menos exigentes, tendencialmente com horários fixos, e a existência de redes de solidariedade geracional levavam a que, de algum modo, o problema do conflito de papéis fosse atenuado. Dessa maneira, e dada a escassez de estudos que versem diretamente sobre essa temática, pensamos, a título exploratório, na hipótese de que as gerações dos filhos tenderão a percecionar uma maior probabilidade de ocorrência de conflito de papéis em comparação com a geração dos pais.

O que se acabou de expor sobre as diferenças de geração para esse domínio pode também ser visto como um argumento para as diferenças de género entre gerações. De fato, os estudos anteriormente apresentados revelam que, mesmo quando é prestado apoio nas suas atividades ao nível da família, a mulher permanece como responsável pelo controlo e pela supervisão das tarefas para o domínio da família. Coloca-se, então, a seguinte hipótese: as mulheres em ambas as gerações sentem ou antecipam com maior frequência a possibilidade de ocorrência de um conflito de papéis do que os homens.

## Método

### Tipo de investigação.

### Participantes

Neste estudo, participaram 48 famílias (mãe, pai e filho adulto). Dos 48 filhos adultos, 60 % são do sexo feminino, e 40 % sujeitos, sexo masculino. Todos os filhos adultos são solteiros, têm formação universitária, vivem na casa dos pais (embora alguns refiram que passam períodos fora por motivos laborais ou

escolares), não têm filhos e exercem uma atividade profissional regular que varia entre as 20 e as 40 horas semanais. Todos os pais (pai e mãe) exercem uma atividade profissional regular, a maioria das famílias é de proveniência urbana (77,1 %) e afirmam pertencer ao nível socioeconómico médio (79,3 %). Quanto às habilitações académicas dos pais, o nível educacional predominante é o 3º ciclo/ensino secundário (que corresponde a 12 anos de escolaridade), para 74,4 % das mães e 52,5 % dos pais. A média das idades dos filhos é de 27,45 anos (DP 2,34), das mães é de 54,4 anos (DP 1,65) e dos pais de 56,3 anos (DP 1,42).

### Instrumento

No presente estudo, foi usada uma versão portuguesa da escala de conflito trabalho-família (Multidimensional Measure of Work-Family Conflict, Carlson et al., 2000). Originalmente, é um instrumento constituído por 18 itens que avalia três dimensões ou formas de conflito baseadas no tempo, na pressão e nos comportamentos assumidos, nas duas possíveis direcções de interferência, de trabalho para a família e da família para o trabalho. O instrumento foi estudado junto de uma amostra portuguesa por Andrade (2006) e constituído por 16 itens, organizados em dois factores: conflito trabalho-família-trabalho, com base na pressão dos papéis e na escassez de tempo para o seu desempenho adequado, e conflito família-trabalho, com base nos comportamentos assumidos nos dois domínios da vida. A consistência interna dos factores obtida através do cálculo do alfa de Cronbach foi de .80 para o fator 1 e de .85 para o fator 2.

### Procedimento: coleta de dados

Para a administração da versão portuguesa da Multidimensional Measure of Work-Family Conflict

e dado o estudo que envolvia famílias, solicitou-se a participação voluntária destas no estudo através de contacto prévio com os filhos. Estes foram contados pelas equipas de investigação nos seus locais de trabalho e através de contactos fornecidos pelos gabinetes de inserção profissional de universidades públicas e privadas. A coleta de dados foi antecedida de consentimento livre e informado. Após o acordo dado pelos sujeitos para a participação no estudo, estes preencheram o questionário bem como uma ficha com os seus dados pessoais (número telefónico e endereço) para posterior contacto da família. Esses jovens levaram para as suas residências os questionários a preencher pelos pais. A recolha dos questionários dos pais foi efetuada nos domicílios familiares tendo a equipa de investigação, constituída pela autora do estudo e por três assistentes de investigação —duas psicólogas e um psicólogo—, assegurado que os objetivos do estudo fossem corretamente percebidos pelos três elementos da família.

### Análise de dados

A base de dados e sua análise foi efetuada com recurso ao PASW Statistics 15.0 (SPSS Inc., Chicago, IL). Foram analisadas as diferenças de médias, em cada um dos factores e para cada um dos grupos com recurso à análise de variância (Anova, com testes post-hoc, Teste de Scheffé). O objetivo foi analisar em que medida os grupos de pais e filhos se diferenciavam na sua posição com relação a cada uma das dimensões da escala, sendo utilizados testes de Scheffé nas comparações de pares de médias.

## Resultados

A tabela 1 apresenta o valor das médias e dos desvios padrão de cada variável para cada grupo.

Tabela 1

*Médias e desvios padrão para as variáveis nos dois grupos (pais e filhos) de acordo com o sexo*

	Filhos		Pais	
	Homens Média (DP)	Mulheres Média (DP)	Homens Média (DP)	Mulheres Média (DP)
Conflito trabalho-família-trabalho	3,92 (1,15)	3,92 (1,23)	3,17 (1,30)	3,82 (1,15)
Conflito trabalho-família	5,98 (2,48)	5,79 (2,24)	5,23 (2,65)	5,68 (2,48)

Fonte. Elaboração própria.

Conforme se pode observar pela leitura da tabela 2, de um modo geral, destaca-se o fato de as diferenças de médias entre pais e filhos serem significativas para ambos os fatores.

Tabela 2

*Análise da variância das escalas para os grupos (mães, pais, filhas e filhos)*

	g.l.	F	P	Scheffé
Conflito trabalho-família-trabalho	3	2,874	.000	G1,G2, G4>G3
Conflito trabalho-família	3	2,436	.000	G1,G2,G4>G3

Legenda: G1= filhos; G2= filhas; G3=pais; G4=mães.

Fonte. Elaboração própria.

Na dimensão do conflito trabalho-família-trabalho (conflito trabalho-família-trabalho) ( $F(3,141) = 2,412$ ;  $p=000$ ), os filhos, as filhas e as mães diferem significativamente dos pais que apresentam valores mais elevados para essa variável. Do mesmo modo, na dimensão do conflito família-trabalho (conflito família-trabalho) ( $F(3,141) = 2,335$ ;  $p=000$ ), os filhos, as filhas e as mães diferem significativamente dos pais que apresentam valores mais elevados para essa variável.

## Discussão

Os resultados obtidos vão de encontro ao que foi evidenciado por alguns estudos que revelam que os conflitos de papéis variam, mas que, tendencialmente nas gerações que correspondem à faixa etária dos pais, o conflito era sentido sobretudo pelas mulheres (Andrade, 2013; Fontaine et al., 2004; Torres, 2004). Já para as gerações mais jovens, tendencialmente mais igualitárias com relação aos papéis de gênero, a possibilidade de tanto homens como mulheres sentirem o conflito de papéis parece ser uma realidade (Andrade, 2006; Torres, 2004). Ao nível do conflito de papéis, as diferenças situam-se do seguinte modo: não existem diferenças entre os filhos, as filhas e as mães, mas esses três grupos diferem significativamente dos pais nas duas dimensões do conflito, ou seja, apresentam valores mais elevados no conflito trabalho-família-trabalho e no conflito família-trabalho. Os resultados não permitem, assim, confirmar as nossas hipóteses. Para explicar esses resultados,

reportamo-nos aos estudos sobre a antecipação de conflito de papéis, os quais indicam, por um lado, que os jovens associam a sua ocorrência ao nascimento dos filhos (Matias et al., 2012; Torres, 2004), e que as mulheres o antecipam mais facilmente do que os homens (Matias et al., 2012; Torres, 2004). Os jovens rapazes, pelo contrário, afirmam que a possibilidade de vir a existir um conflito de papéis ocorrerá apenas em situações excepcionais e acreditam que serão capazes de evitar situações de conflitualidade (Torres, 2004). De fato, tal não acontece no nosso estudo, o que poderá ser um indicador de que a conflitualidade de papéis é encarada como algo que pode ocorrer em determinados momentos de vida e que isso poderá ser antecipado, independentemente do gênero, para as gerações mais novas.

## Considerações Finais

Os resultados, embora de natureza exploratória, permitem contribuir para uma melhor compreensão do modo como, em diferentes gerações, se percebe o conflito entre papéis profissionais e familiares. Destacou-se, desde logo, o fato de a geração dos filhos (filhos e filhas) assim como a das mães reportarem valores mais elevados quanto à possibilidade de ocorrência de conflitos entre papéis, em comparação com a dos pais. Para o grupo das mães, os valores elevados que ocorreram não apresentam grandes dificuldades de interpretação, na medida em que se sabe, pela revisão de estudos apresentada acerca do tema, que são as mulheres que sofrem a maior sobrecarga na conciliação de papéis. Contudo, como se viu, tanto os jovens do sexo masculino como os do sexo feminino apresentam valores elevados na percepção de ocorrência dos dois tipos de conflito. Se, para as jovens mulheres, esses valores parecem poder ter sido influenciados pelos modelos a que estão expostas e que antecipam que poderão vir a se concretizar no seu caso, já para os jovens rapazes, podem ser um indicador de que a temática do conflito de papéis também começa a ser encarada como um problema igualmente seu.

Apesar do interesse de efetuar comparações entre pais e filhos, pelas diferenças nas experiências e nas idades, os resultados obtidos devem ser lidos com precaução. Os pais tiveram experiência real de articulação de papéis, desde que os filhos eram pequenos; logo, poderão ter tido uma experiência de conflito de papéis. Já no caso dos filhos, estes baseiam-se em cenários hipotéticos uma vez que, na atualidade, apenas

exercem o papel profissional; portanto, a questão da articulação desse papel com o papel familiar ainda não envolve, entre outros, o exercício da parentalidade. Torna-se, assim, difícil separar os efeitos da experiência do efeito de coorte. Estudos futuros que envolvam o seguimento longitudinalmente à coorte dos filhos podem permitir avaliar as semelhanças e as diferenças entre pais e filhos, quando estes últimos já exercerem tanto o papel profissional como o papel parental com maior profundidade. Para além desse aspeto, a reduzida dimensão da amostra deste estudo também constitui uma limitação. Por consequência, a inclusão de uma amostra de maior dimensão, eventualmente mais heterogénea e representativa da realidade das famílias portuguesas, poderá permitir avaliar a consistência desses resultados bem como o seu aprofundamento.

## Referências

- Allen, T., Herst, D., Bruck, C. e Sutton, M. (2000). Consequences associated with work-to-family conflict: A review and agenda for future research. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5(2), 278-308. doi: 10.1037/1076-8998.5.2.278
- Andrade, C. (2006). *Antecipação da conciliação dos papéis familiares e profissionais na transição para a idade adulta: estudo diferencial e intergeracional* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal.
- Andrade, C. (2013). *Relações trabalho-família e género: caminhos para a conciliação*. Lisboa: Editora Coisas de Ler.
- Andrade, C. e Mikula, G. (2014). Work-family conflict and perceived justice as mediators of outcomes of women's multiple workload. *Marriage & Family Review*, 50(3), 285-306. doi: 10.1080/01494929.2013.879551
- Carlson, D. S., Kacmar, K. M. e Williams, L. J. (2000). Construction and initial validation of a multidimensional measure of work-family conflict. *Journal of Vocational Behaviour*, 56(2), 249-276. doi: 10.1006/jvbe.1999.1713
- Carlson, D. e Frone, M. (2003). Relation of behavioral and psychological involvement to a new four-factor conceptualization of work-family interference. *Journal of Business & Psychology*, 17(4), 515-535. doi: 10.1037/0021-9010.92.1.57
- Crouter, A., Bumpus, M., Maguire, M. e McHale, S. (1999). Linking parents' work pressure and adolescents' well-being: insights into dynamics in dual-earner families. *Developmental Psychology*, 35(6), 1453-1461. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00404.x
- Edwards, J. e Rothbard, N. (2000). Mechanisms linking work and family: clarifying the relationship between work and family constructs. *The Academy of Management Review*, 25(1), 178-199. doi: 10.5465/AMR.2000.2791609
- Fontaine, A. M., Andrade, C., Matias, M., Gato, J e Mendonça, M. (2004). Reflexões acerca da conciliação da vida familiar e profissional: o Projecto Famwork. *Ex-Aequo*, 11, 97-108.
- Frone, M. (2000). Interpersonal conflict at work and psychological outcomes: Testing a model among young workers. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5(2), 246-255. doi: 10.1037/1076-8998.5.2.246
- Matias, M., Andrade, C. e Fontaine, A. M. (2012). The interplay of gender, work and family in Portuguese families. *Work, Organization, Labour and Globalization*, 6(1), 11-26.
- Matias, M., Andrade, C. e Fontaine, A. M. (2011). Diferenças de género no conflito trabalho-família: um estudo com famílias portuguesas de duplo emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*, xxv(1), 9-32.
- Milkie, M. e Peltola, P. (1999). Playing all the roles: gender and the work-family balancing act. *Journal of Marriage and Family*, 61(2), 476-490.
- Torres, A. C. (2004). *Vida conjugal e trabalho: uma perspectiva sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Voydanoff, P. (1999). Work and family issues: policies, programs and approaches. *Family Relations*, 48(2), 215-217.